
Entrevistado/a: Marcelo Barnetche Kauer

Entrevistador/ales: José Edimar de Souza e Elisângela Dewes

Tema: História das Instituições Escolares; Enchente no Rio Grande do Sul (2024)

Data: 31 de julho de 2025

Local: EMEF Jacob Longoni (Canoas) - Online

OBS.: Para obter a entrevista na íntegra, solicite pelo e-mail: jesouza1@ucs.br.

Trajetória profissional e vínculo com a comunidade escolar

Marcelo Kauer é professor da rede municipal de Canoas e diretor da Escola Municipal de Ensino Fundamental Jacob Longhoni desde 2021, atuando na instituição desde 2002. Sua trajetória profissional está profundamente vinculada à escola e à comunidade do entorno, onde também reside, o que fortaleceu seu envolvimento direto nas ações desenvolvidas durante as enchentes de 2024. O entrevistado destaca que sua relação com a escola ultrapassa o campo profissional, configurando-se como um compromisso pessoal com o bairro e com a comunidade escolar.

A escola diante das enchentes de 2024

O entrevistado relata que, a partir do agravamento das chuvas no início de maio de 2024, Canoas foi severamente atingida, especialmente bairros da região oeste do município. Antes mesmo da organização institucional dos abrigos, Marcelo atuou diretamente em resgates, auxiliando colegas, moradores e famílias em áreas alagadas. Inicialmente, a EMEF Jacob Longhoni foi indicada como ponto de arrecadação, mas, diante do avanço da enchente e do aumento do número de desabrigados, a escola passou a funcionar como centro de acolhimento.

Reconfiguração da escola como espaço de acolhimento

Sem orientações prévias ou protocolos institucionais, a organização do abrigo ocorreu de forma empírica e emergencial. A escola foi aberta para acolher, já na primeira noite, cerca de 210 pessoas. As salas de aula, corredores e outros espaços foram adaptados para dormitórios, enquanto a escola passou a ser denominada “Centro de Acolhimento”. O entrevistado destaca que a ausência de planejamento prévio exigiu decisões rápidas e constantes, baseadas na observação das necessidades que emergiam.

Organização dos serviços e cotidiano no abrigo

Durante os 53 dias em que funcionou como abrigo, a escola ofertou quatro refeições diárias, banho, lavanderia, rouparia, distribuição de calçados, cobertores, colchões e kits de higiene e limpeza. Com o apoio de uma rede solidária, foram instaladas novas caixas d’água e chuveiros, ampliando a infraestrutura existente. A escola também acolheu animais de estimação, transformando a quadra esportiva em canil provisório. Professores, funcionários, famílias, voluntários e membros da comunidade atuaram de forma colaborativa, assumindo funções diversas para garantir o funcionamento do espaço.

Dimensão humana, afetiva e comunitária

Marcelo destaca que a escola se tornou o lar temporário das pessoas acolhidas, o que implicou não apenas em cuidados materiais, mas também atenção emocional. Relata o desgaste físico e psicológico dos envolvidos, incluindo professores atingidos diretamente pela enchente. Ressalta a criação de vínculos afetivos entre equipe escolar, voluntários e famílias abrigadas, muitos dos quais permanecem até hoje em contato com a escola. A participação de alunos, especialmente dos anos finais, é apontada como significativa na construção de um sentimento coletivo de solidariedade e responsabilidade social.

Retorno às aulas e impactos

O entrevistado relata que o encerramento gradual do abrigo ocorreu conforme as famílias conseguiam retornar às suas casas ou eram encaminhadas a outros espaços de acolhimento. O retorno às atividades escolares foi marcado por desafios estruturais, emocionais e pedagógicos. A Secretaria Municipal de Educação orientou a recuperação da carga horária por meio de estudos

orientados e atividades complementares, com flexibilização dos dias letivos. O processo de retomada exigiu acolhimento emocional da comunidade escolar, uma vez que alunos, professores e famílias foram, direta ou indiretamente, afetados pela catástrofe.

Aprendizados e significado da experiência

Ao refletir sobre a experiência, Marcelo enfatiza que a enchente evidenciou o papel central da escola pública como espaço de proteção social, cuidado e recomposição das relações comunitárias. Ressalta que o trabalho realizado foi resultado de uma ampla rede de solidariedade e não de ações individuais. Finaliza destacando que todos podem contribuir de alguma forma em situações extremas e que a experiência transformou sua percepção sobre voluntariado, empatia e responsabilidade coletiva, deixando marcas na memória pessoal e institucional da escola.